



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15742 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
 ISSN: 2595-7945
 GT 12 - Currículo

DEPOIS DE MORTOS: ACENOS CURRICULARES SOBRE ANIMAIS EM COLEÇÕES DIDÁTICAS

Túlio Vieira dos Santos - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Maria Margarida Pereira de Lima Gomes - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES-PROEX

DEPOIS DE MORTOS: ACENOS CURRICULARES SOBRE ANIMAIS EM COLEÇÕES DIDÁTICAS

Seguir os animais de um curso de formação de professores de Biologia tem sido o compromisso firmado nesta pesquisa de doutorado, a fim de levantar questões em torno dos encontros multiespécies nos currículos. Neste texto, dedicamos atenção especial para os animais mortos que compõem uma coleção didática. As coleções zoológicas, forte tradição nos currículos do ensino de Biologia (MARANDINO; SELLES; FERREIRA, 2009), funcionam aqui como zonas de contato curricular que produzem como efeito animais-professores. Essa consideração, com inspiração nos estudos de Donna Haraway (2021) e Vinciane Despret (2023), lança mão de iscas filosóficas para desdobrar questões acerca da feitura de animais e professores nos currículos da formação docente.

Se você adentrar a sala D-23, deparar-se-á sem dificuldade com eles. Configurando um acervo de exemplares emprestados aos professores de Ciências e Biologia do Rio de Janeiro, encontramos nesta coleção cerca de 336 espécimes e 4 caixas entomológicas, além de fichas informativas, roteiros de atividades e jogos didáticos. Os animais dessa coleção participam de aulas, oficinas e feiras de ciências nas escolas atendidas pelo projeto de extensão responsável por sua curadoria. Poríferos, equinodermos, peixes, moluscos, morcegos, anuros, crustáceos, cnidários, anelídeos e muitos outros que compõem essa assembleia, majoritariamente invertebrada, acompanham licenciandos em suas atividades formativas. Esses animais parecem proporcionar fascínio e desconforto simultaneamente nesses encontros. São eles,

na figura de exemplares, que nos convocam a uma resposta.

Acompanhando uma série de oficinas realizadas junto a essa coleção, uma questão salta de imediato quando esses animais são evocados: Ele morreu? Eles estão vivos? Quem matou? Ele está morto? O cheiro de álcool 70% permeia o ambiente, enquanto potes de vidro de diversos tamanhos confinam os corpos. Alguns sem partes do corpo, sem cor, outros mais inteiros e difíceis de serem vistos no cotidiano. É importante considerar o nó natural-cultural (HARAWAY, 2021) que produz esse modo de existência, uma conformação material-discursiva fortemente ligada à maneira de expor animais segundo a Zoologia. Essas questões desembocam nas heranças que os currículos da formação de professores de Biologia guardam com a História Natural e com os contextos colonial e pós-colonial que a informam (DE L'ESTOILE, 2011).

Para mais, é importante não esvaziar a presença desses animais na coleção. Existe um animal aqui. Não qualquer animal, mas um bicho situado e morto. E “sua potência de agir, ou melhor, de fazer agir, sua capacidade de se impor a partir ‘do exterior’ traduz a efetividade de sua presença” (DESPRET, 2023, p. 17). O primeiro compromisso que parece emergir envolve driblar a categoria generalizante “animal” que abarca os seres dessa coleção. Quem são eles, afinal, e o que têm a nos dizer? Levá-los a sério, mesmo quando mortos, implica superar a premissa curricular que toma os “animais” apenas como conhecimento a ser ensinado. Mais que “conteúdos de ensino”, os animais dessa coleção são seres com os quais precisamos aprender a viver-com (ou morrer-com) nos currículos da formação docente. O trabalho, então, parece ser o de devolver uma narrativa, uma história que prolongue suas existências para além da égide da representação de um táxon.

Mas, como considerar a sua agência? Como não esvaziar sua presença enquanto morto? De que modo honramos sua morte? Depois da morte, o que o capacita? Qual a “ética” em jogo? “Se não cuidarmos dos mortos, eles morrem de fato. [...] Isso não significa de modo algum que a existência deles seja totalmente determinada por nós. A nós cabe a tarefa de oferecer-lhes ‘mais’ existência” (DESPRET, 2023, p.15). “Mais existência” deve ser entendido não apenas como a promoção do animal vivo que ele foi, mas como aquilo que possibilita a esse animal morto continuar de outro modo, a ser de outra maneira.

Consideramos que as práticas curriculares junto a essa coleção instauram uma existência situada para esses animais. Desde o uso de vidros transparentes, a disposição dos bichos, e as soluções de álcool e formaldeído, até os discursos pedagógicos, ecológicos e da zoologia, todos participam desse processo de feitura. Esses animais não existem, nesses termos, a priori. São feitos em relações gestadas em práticas curriculares que, supostamente, se destinam à formação docente. O ponto é que essa feitura não se dá de modo determinado pelo professor, tido como sujeito humano da relação. “Ajudamos os mortos a ser ou a se tornar aquilo que eles são, não os inventamos” (DESPRET, 2023, p. 16).

Longe do horizonte humanista, o “professor” também está em feitura, de modo que a produção material-discursiva dessa coleção zoológica emaranha modos de viver e de morrer

para animais-professores. Animais mortos agenciam práticas curriculares, e essas histórias não são isentas de assimetrias; no entanto, jamais serão histórias de relações unilaterais. São essas histórias que esta pesquisa se interessa em contar. Ao indagar se esses bichos estão mortos ou vivos, abrem-se possibilidades para o prolongamento de suas existências. É preciso aprender a cultivar maneiras de se dirigir a eles, de cuidar, de dar atenção. Todas essas práticas são ontológicas e nos possibilitam viver em mundos curriculares depois da morte.

Palavras-chave: animais; currículo; morte

REFERÊNCIAS

DE L'ESTOILE, Benoît. A vida selvagem em vitrine: reflexões sobre os animais em museu. *Proa Revista de Antropologia e Arte*, v. 3, 2011.

DESPRET, Vinciane. *Um brinde aos mortos: histórias daqueles que ficam*. São Paulo: n-1 edições, 2023.

HARAWAY, Donna. *O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Bazar do Tempo LTDA, 2021.

MARANDINO, Marta; SELLES, Sandra; FERREIRA, Marcia. *Ensino de Biologia: histórias e práticas em diferentes espaços educativos*. São Paulo: Cortez, 2009.